

DA SUSTENTÁVEL EVANESCÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO

Luísa Soares Opitz

Obrigatoriamente presente num projecto de estudo sobre a descrição, que pretendo prosseguir, a noção de representação que, numa certa óptica, tende a confundir-se com a de descrição, aparece aqui como um esboço que descrições de uma mesma imagem tendem já a preparar. Certamente proveitosos para os estudos linguísticos, conceitos oriundos de outras áreas vêm, mais uma vez, mostrar uma interdisciplinaridade que só ela autoriza uma visão interessante do conhecimento do conhecimento.

A sensação de "vertigem" que, na perspectiva de Varela e Maturana (1994: 11), a propósito do "conhecimento do conhecimento", é dada através da "circularité engendrée par l'utilisation de l'instrument d'analyse pour analyser l'instrument d'analyse", leva os autores à litografia de M.C. Escher (*Teken en*, 1948), descrita da seguinte maneira: "(...) des mains se dessinent mutuellement, si bien que l'origine du processus reste inconnu: laquelle est la 'vraie' main?" (cf. imagem em anexo).

Colocando "verdadeiro" entre aspas, os autores não podem deixar de se questionar sobre a primaridade do objecto, sugerindo então o questionamento de uma fita de Moebius. Mas nesta "circularidade construtiva" (p. X) a primaridade só poderia, a meu ver, ser ambivalente: repousaria, por um lado, num dualismo anti-transcendental, que abrigaria um objecto construído e um objecto contruinte, e por

outro lado no jogo que o termo "instrumento de" pressupõe: "instrumento para análise" e "instrumento que analisa". Aqui, e através precisamente de uma analogia representacional (que é a litografia de Escher...) o sujeito ver-se-ia puramente erradicado, o que parece não acontecer, ao ser enaltecido o "mundo linguístico" (cf. citação em nota mais adiante).

A posição otimista que D. Hofstadter ([1979] 1985: 775 – 777) imaginava para o tema "sair do sistema" levava-o a dizer que "chaque fois que vous pensez que vous êtes arrivés au bout, il y a une nouvelle variation sur le thème 'sortir du système' dont la découverte demande de la créativité".

Assim, ao opor um nível I, que acha intocável e "auquel se trouvent les conventions d'interprétation", a um nível E, que é o da "hierarquia entrelaçada" ("enchevêtrée") o autor encontra espaço para a criatividade. É como variação, chama ele clássica, do seu tema (dos dois níveis, de que um seria intocável) que apresenta a litografia de Escher (*Tekenzen*):

Dans celle-ci une main gauche (MG) dessine une main droite (MD) tandis qu'en même temps MD dessine MG. Une fois de plus des niveaux qui sont généralement considérés comme hiérarchiques, celui du dessinateur et celui de ce qui est dessiné se retournent l'un vers l'autre et créent une hiérarchie enchevêtrée. Le thème de ce chapitre réapparaît bien entendu, puisque derrière tout cela se profile la main non dessinée mais dessinant de M.C. Escher, créateur de MG et de MD. Escher est hors de cet espace de deux mains, ainsi que le montre explicitement notre schéma de la gravure (fig. 135). Dans cette représentation schématique de la gravure d'Escher, vous voyez la boucle étrange ou la Hiérarchie Enchevêtrée dans la partie supérieure, et en dessous le niveau intouchable qui lui permet d'exister. On pourrait pousser plus loin l'"éschérisation" de la gravure de Escher en photographiant une main la dessinant et ainsi de suite.

Previendo a "escherização" de uma representação, está o autor a rever-se na repetitividade sistemática de um nível intocável e isso pela mão de um sujeito (apesar de tudo).

O aproveitamento ilustrativo que, nas duas interpretações citadas, é dada da litografia de Escher, ignora pormenores descritivos que prefiguram, para começar, uma regularidade estilística do artista holandês. Lembremos então que as mãos desenhadas pertencem a dois espaços do desenhar que não precisam daquele efeito de "escheriza-

ção" sugerido por Hofstadter, por serem desde já "escherizantes" e assim, desde logo, proporem uma múltipla e previsível espiralidade.

Ao extravasarem de uma folha de papel declaradamente "feita" para o desenho (lá estão as quatro "punaises" a fixá-la), as mãos residem igualmente num outro espaço, diferentemente sombreado, sombreadas as mãos diferentemente daquilo que mais de imediato parecem desenhar (e que são os punhos da camisa).

Por outro lado, a circularidade que esforçadamente a mão de baixo (ou a mão de cima) pretende expor, corresponderia mais a um desejo de circularidade, que outrém poderia pretender ser vista como especular. Por que não tratar-se, então, da representação da mesma mão (direita ou esquerda), torcida de um ângulo de cento e oitenta graus para sustentar um ponto central imaginário? Sendo assim, parece que estariam presentes na própria representação os ingredientes que cinicamente apresentam a representação – como sendo precisamente uma representação.

Que efeitos de ilusão referencial possam sustentar não só uma representação mas toda a interpretação descritiva é o que deixaria desarmada qualquer posição não só representacionista como construtivista. A não ser que a própria existência do objecto encerre sempre, como certamente encerra, a possibilidade de um "centro organizador" (ou "centre attracteur" na terminologia de R. Thom) que torna viável ou visível a sua própria construção. Daí também que, mesmo na mutabilidade de uma situação observável (ou melhor observante), um objecto possa sempre falar do sujeito que o constrói, justificando assim tanto um acto de existência como um acto de comunicação, por mais mistificadores que sejam.

Na evanescência da representação (ou na representação da representação) rever-se-ia, pois, um acto afirmativo da própria evolução do conhecimento. Dos textos que fabricam esse conhecimento dir-se-ia que, como instâncias criadoras de língua, sustentam uma moldagem e uma abertura sistémica necessariamente contingentes e remediavelmente metadiscursivas.

Que do ponto de vista biológico e construtivista autores como Varela e Maturana (op. cit.: 230) neguem qualquer "referência pré-existente" ou "referência a uma origem", ao mesmo tempo que valorizam o "nosso mundo linguístico", é o que poderia curiosamente revalorizar a própria noção de representação – pelo menos textual,

O Conceito de Representação

sendo, neste caso, representação compatível com a noção de "emergência" de um mundo.¹

Utilizador também da noção de "emergência", mas sem abandonar um ponto de vista representacionista das questões cognitivas em geral e linguísticas em particular, J. Petitot (1988: 207) defende uma abordagem "non plus symbolique (logico-combinatrice) mais topologico-dynamique". Subsidiário da teoria das catástrofes e da morfogênese de R. Thom, e colocando-se numa perspectiva conexionista pode então afirmar que "(...) les entités possédant une sémantique sont, au niveau 'micro' – dit *sub-symbolique*, des patterns complexes et globaux d'activation d'unités locales élémentaires interconnectées entre elles et fonctionnant en parallèle". E o autor acrescenta logo a seguir: "Les structures symboliques discrètes et sérielles du niveau computationnel 'macro' (symboles, règles, inférences, etc.) sont alors interprétées comme des structures qualitatives, stables et invariantes, émergeant du sub-symbolique à travers un processus coopératif d'aggrégation."

Por seu lado, J.B. Grize (1995: 247) propõe, de forma esquemática, considerar os "discours [comme des] représentations discursives qui manifestent / des *représentations mentales* / que le sujet se fait de la / *Réalité* / dont il traite".

Ao utilizar o termo de "representação" e ao falar de realidade tratada, pareceria estar o autor confinado a uma abordagem tradicionalmente representacionista da linguagem. Mas a dupla representatividade que domina o esquema supra-citado assim como a noção importante de esquematização, que lhe está subjacente, vêm forçosamente modular qualquer apreciação mais sumária da "lógica natural", por Grize criada. Lembre-se, a respeito de esquematização, o que diz M.J. Borel (1988: 42): "Dans l'optique des recherches neuchâtelaises, l'idée de *schématisation* est une notion plus souple que celle de 'modèle' pour rendre compte de la part *construite* de toute connaissance qui se formule dans un langage, quel que soit son niveau d'abstraction ou d'organisation (...)".²

¹ "C'est plutôt en 'langageant' que, dans les coordinations comportementales que sont le langage, l'acte de connaître fait émerger un monde. Nous nous trouvons dans ce couplage ontogénique, ni comme une référence préexistante ni en référence à une origine, mais comme une transformation continue dans le devenir de notre monde linguistique, celui que nous construisons avec d'autres êtres humains."

² Sublinhados meus.

Se a autora, nesta nota, se refere particularmente à descrição em antropologia não é o que retira a pertinência de uma afirmação a poder aplicar-se a qualquer descrição como texto. Mas, por outro lado, ao pôr a questão da referencialidade da descrição e das suas "funções discursivas", a mesma autora (cf. Borel, 1977: 87) remetia para a distinção geral entre "coisa (de experiência e de real)" e "objecto (de saber e de discurso)".

Que dizer então do sujeito, sacrificado entre os dois – coisa e objecto? Que pretenderia remover, pela descrição, aquela nossa mais contemporânea demanda referencial?

Bibliografia citada

- BOREL, M.J., 1987 – "Discours descriptif et référence", in *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel*, 53, 77 – 89.
- , 1988 – "La description en anthropologie 'interprétative'", in *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel*, 55, 39 – 70.
- ESCHER, M.C. [1971] 1974 – *Grafik und Zeichnungen*, München, Moods Verlag.
- GRIZE, J.B., 1995 – "Table ronde sur les représentations", in MAHMOUDIAN, M. (Ed.), *Fondements de la recherche linguistique: perspectives épistémologiques*, Cahiers de l'ILSL, n° 6, Université de Lausanne, 247 – 255.
- HOFSTADTER, D. [1979] 1985 – *Gödel, Escher, Bach. Les brins d'une Guirlande Éternelle*, Paris, InterÉditions
- MATURANA, M.R. et VARELA, F.J. [1992] 1994, *L'arbre de la connaissance. Racines biologiques de la compréhension humaine*, Paris, Éditions Addison-Wesley France, S.A.
- PETITOT, J. [1988] 1989 – "La modélisation: formalisation ou mathématisation? L'exemple de l'approche morphodynamique du langage", in REICHLER-BÉGUELIN, M.J. (Ed.), *Perspectives méthodologiques et épistémologiques dans les sciences du langage*, Bern, Frankfurt/M., New York, Paris, Peter Lang, 205 – 220.

Résumé

Que dans le débat actuel sur l'élaboration des univers systémiques une même image (une gravure d'Escher, *Tekenen*, 1948) puisse appuyer des points de vue théoriques différents, montre l'intérêt de l'illusion représentationnelle et la part du sujet qu'elle maintient malgré tout. D'un autre côté, des perspectives sémiologiques et épistémologiques, tout en gardant la notion de représentation, permettent de questionner aussi la position du sujet dans les constructions discursives.

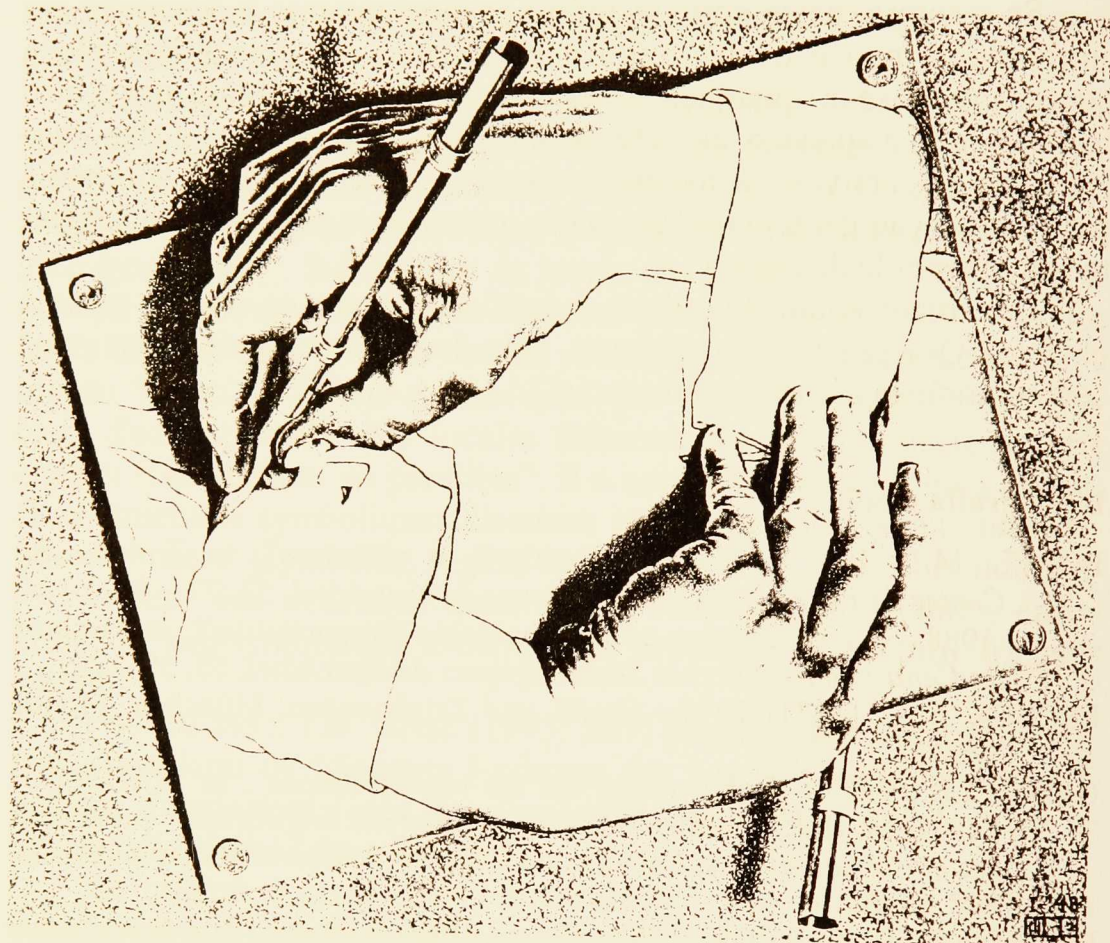


FIGURE 135. Mains dessinant, de M. C. Escher (lithographie, 1948).

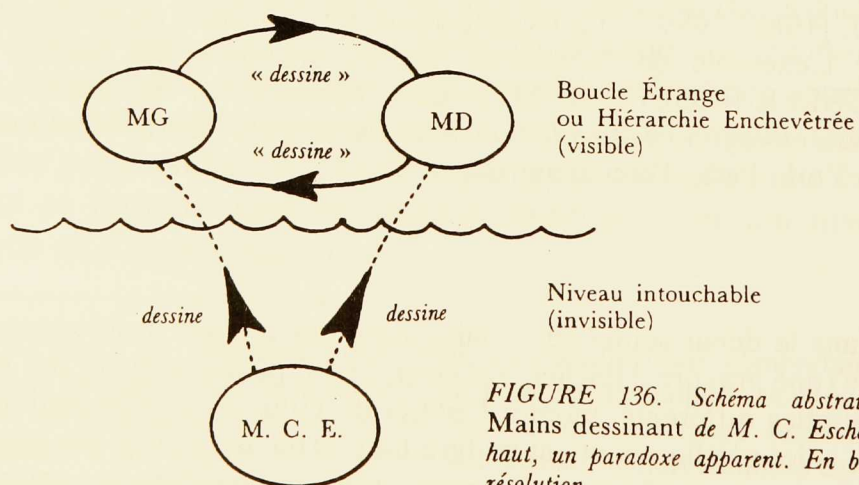


FIGURE 136. Schéma abstrait des Mains dessinant de M. C. Escher. En haut, un paradoxe apparent. En bas, sa résolution.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA E COMUNICAÇÃO SOCIAL

Manuel José Lopes da Silva

I. Introdução

Até no domínio restrito da Teoria Política encontramos a polise-mia característica do conceito de representação. De facto, consoante as perspectivas de abordagem, assim ele adquire contornos no plano existencial ou no plano simbólico, remetendo sucessivamente de um para o outro.

Na perspectiva jurídica, a representação política é entendida como extensão ou analogia da representação em Direito.

Na perspectiva antropológica adquire importância o simbolismo, cuja aquisição é própria da actividade intelectual na sua dimensão abstractiva.

Na sistémica há a chamada de atenção para a equivalência entre valor e finalidade (definindo um quadro Teleológico) e a sua relação com o exercício do Poder Político.

Finalmente, a perspectiva crítica, incidindo nos aspectos mais alarmantes da nossa sociedade pos-industrial ou tardo-capitalista, levanta a questão da legitimidade nos actuais sistemas políticos.

Considera-se finalmente a hipótese de que o actual comportamento dos sistemas de comunicação social contribui grandemente para essa crise de legitimidade.